

QUADRO I  
Constância do suicídio nos principais países da Europa  
(números absolutos)

Anos	França	Prússia	Inglaterra	Saxônia	Baviera	Dinamarca
1841 .....	2.814	1.630		290		337
1842 .....	2.866	1.598		318		317
1843 .....	3.020	1.720		420		301
1844 .....	2.973	1.575		335	244	285
1845 .....	3.082	1.700		338	250	290
1846 .....	3.102	1.707		373	220	376
1847 .....	(3.647)	(1.852)		377	217	345
1848 .....	(3.301)	(1.649)		398	215	(305)
1849 .....	3.583	(1.527)		(328)	(189)	337
1850 .....	3.596	1.736		390	250	340
1851 .....	3.598	1.809		402	260	401
1852 .....	3.676	2.073		530	226	426
1853 .....	3.415	1.942		431	263	419
1854 .....	3.700	2.198		547	318	363
1855 .....	3.810	2.351		568	307	399
1856 .....	4.189	2.377		550	318	426
1857 .....	3.967	2.038	1.349	485	286	427
1858 .....	3.903	2.126	1.275	491	329	457
1859 .....	3.899	2.146	1.248	507	387	451
1860 .....	4.050	2.105	1.365	548	339	468
1861 .....	4.454	2.185	1.347	(643)		
1862 .....	4.770	2.112	1.317	557		
1863 .....	4.613	2.374	1.315	643		
1864 .....	4.521	2.203	1.340	(545)		411
1865 .....	4.946	2.361	1.392	619		451
1866 .....	5.119	2.485	1.329	704	410	443
1867 .....	5.011	3.625	1.316	752	471	469
1868 .....	(5.547)	3.658	1.508	800	453	498
1869 .....	5.114	3.544	1.588	710	425	462
1870 .....		3.270	1.554			486
1871 .....		3.135	1.495			
1872 .....		3.467	1.514			

nam crônicas; atestam portanto, simplesmente, que as características constitucionais da sociedade sofreram, no mesmo momento, profundas modificações. É interessante notar que elas não se produzem com a extrema lentidão que lhe atribuíram numerosos observadores; são ao mesmo tempo bruscas e progressivas. Subitamente, depois de uma série de anos em que os números oscilaram entre limites muito próximos, manifesta-se uma elevação que, após hesitações em sentidos contrários, se afirma, se acentua e, finalmente, se fixa. É que toda ruptura do equilíbrio social, quando eclode repentinamente, sempre leva tempo para produzir todas as suas conseqüências. A evolução do suicídio compõe-se assim de ondas de movimento, distintas e sucessivas, que ocorrem por ímpetos, desenvolvendo-se durante um tempo, depois se detendo, para em seguida recomeçar. Podemos ver no quadro precedente que uma dessas ondas se formou quase em toda a Europa logo após os acontecimentos de 1848, ou seja, por volta dos anos 1850-53, conforme os países; uma outra começou na Alemanha depois da guerra de 1866, na França um pouco antes, por volta de 1860, na época que marca o apogeu do governo imperial, na Inglaterra por volta de 1868, ou seja, depois da revolução comercial determinada então pelos tratados comerciais. Talvez deva-se à mesma causa o novo recrudescimento constatado em nosso país em 1865. Enfim, depois da guerra de 1870, iniciou-se um novo avanço que dura até hoje e que é mais ou menos geral na Europa<sup>3</sup>.

Cada sociedade tem, portanto, em cada momento de sua história, uma disposição definida para o suicídio. Mede-se a intensidade relativa dessa disposição tomando a razão entre o número total global de mortes voluntárias e a população

3. No quadro, representamos alternadamente em caracteres comuns ou em *itálico* as séries de números que representam essas diferentes ondas de movimento, a fim de tornar concretamente perceptível a individualidade de cada uma delas.

de todas as idades e todos os sexos. Chamaremos esse dado numérico de *taxa de mortalidade-suicídio própria à sociedade considerada*. Ele é calculado, geralmente, com relação a um milhão de habitantes ou a cem mil.

Não apenas essa taxa é constante durante longos períodos de tempo como sua invariabilidade é até maior do que a dos principais fenômenos demográficos. A mortalidade geral, principalmente, varia muito mais freqüentemente de um ano para outro, e as variações que ela sofre são muito mais importantes. Para confirmá-lo, basta comparar, ao longo de vários períodos, a maneira pela qual evoluem os dois fenômenos. Foi o que fizemos no quadro II (ver p. 21). Para facilitar a comparação, tanto para as mortes como para os suicídios expressamos as taxas de cada ano em função da taxa média do período, reduzida a 100. As diferenças de um ano para outro ou os desvios com relação à taxa média tornaram-se assim comparáveis nas duas colunas. Ora, dessa comparação resulta que, em cada período, a amplitude das variações é muito mais considerável para a mortalidade geral do que para os suicídios; ela é, em média, duas vezes maior. Apenas, a diferença *mínima* entre dois anos consecutivos é sensivelmente de mesma importância em uma parte e na outra durante os dois últimos períodos. Só que esse *mínimo* é uma exceção na coluna das mortes, ao passo que, ao contrário, as variações anuais dos suicídios apenas se afastam dele excepcionalmente. Podemos percebê-lo comparando as diferenças médias<sup>4</sup>.

É verdade que, quando comparamos, não mais os anos sucessivos de um mesmo período, mas as médias de períodos diferentes, as variações que observamos nas taxas de mor-

4. WAGNER já havia comparado dessa maneira a mortalidade e a nupcialidade (*Die Gesetzmässigkeit*, etc., p. 87).

## QUADRO II

Variações comparadas da taxa de mortalidade-suicídio e da taxa de mortalidade geral

Período 1841-46	Suicídios por 100.000 habitantes	Mortes por 1.000 habitantes	Período 1849-55	Suicídios por 100.000 habitantes	Mortes por 1.000 habitantes	Período 1856-60	Suicídios por 100.000 habitantes	Mortes por 1.000 habitantes
-----------------	----------------------------------	-----------------------------	-----------------	----------------------------------	-----------------------------	-----------------	----------------------------------	-----------------------------

## A - Números absolutos

1841 ....	8,2	23,2	1849 ....	10,0	27,3	1856 ....	11,6	23,1
1842 ....	8,3	24,0	1850 ....	10,1	21,4	1857 ....	10,9	23,7
1843 ....	8,7	23,1	1851 ....	10,0	22,3	1858 ....	10,7	24,1
1844 ....	8,5	22,1	1852 ....	10,5	22,5	1859 ....	11,1	26,8
1845 ....	8,8	21,2	1853 ....	9,4	22,0	1860 ....	11,9	21,4
1846 ....	8,7	23,2	1854 ....	10,2	27,4			
			1855 ....	10,5	25,9			
Médias	8,5	22,8	Médias	10,1	24,1	Médias	11,2	23,8

## B - Taxa de cada ano expressa em função da média reduzida a 100

1841 ....	96	101,7	1849 ....	98,9	113,2	1856 ....	103,5	97
1842 ....	97	105,2	1850 ....	100	88,7	1857 ....	97,3	99,3
1843 ....	102	101,3	1851 ....	98,9	92,5	1858 ....	95,5	101,2
1844 ....	100	96,9	1852 ....	103,8	93,3	1859 ....	99,1	112,6
1845 ....	103,5	92,9	1853 ....	93	91,2	1860 ....	106,0	89,9
1846 ....	102,3	101,7	1854 ....	100,9	113,6			
			1855 ....	103	107,4			
Médias	100	100	Médias	100	100	Médias	100	100

Entre dois anos consecutivos			Acima e abaixo da média	
Diferença máxima	Diferença mínima	Desvio médio	Máximo abaixo	Máximo acima

## C - Tamanho da diferença

PERÍODO 1841-46:					
Mortalidade geral ...	8,8	2,5	4,9	7,1	4,0
Taxa de suicídios ...	5,0	1	2,5	4	2,8
PERÍODO 1849-55:					
Mortalidade geral ...	24,5	0,8	10,6	13,6	11,3
Taxa de suicídios ...	10,8	1,1	4,48	3,8	7,0
PERÍODO 1856-60:					
Mortalidade geral ...	22,7	1,9	9,57	12,6	10,1
Taxa de suicídios ...	6,9	1,8	4,82	6,0	4,5

talidade tornam-se quase insignificantes. As mudanças em sentidos contrários que ocorrem de um ano para outro e que são devidas à ação de causas passageiras e acidentais neutralizam-se mutuamente quando tomamos por base de cálculo uma unidade de tempo mais extensa; elas desaparecem portanto do número médio, que, em consequência dessa eliminação, apresenta uma invariabilidade bastante grande. Assim, na França, de 1841 a 1870, ele foi sucessivamente, para cada decênio, 23,18; 23,72; 22,87. Mas, antes de tudo, já é um fato notável que o suicídio, de um ano para o ano seguinte, apresenta um grau de constância pelo menos igual, se não superior, ao que a mortalidade geral só manifesta de um período para outro. Além disso, a taxa média de mortalidade só atinge essa regularidade tornando-se algo geral e impessoal, que só pode servir muito precariamente para caracterizar uma sociedade determinada. Com efeito, ela é sensivelmente a mesma para todos os povos que chegaram mais ou menos à mesma civilização; pelo menos, as diferenças são muito pequenas. Assim, na França, como acabamos de ver, essa taxa oscila, de 1841 a 1870, em torno de 23 mortes por 1.000 habitantes; durante o mesmo tempo, ela foi, sucessivamente, na Bélgica de 23,93, de 22,5, de 24,04; na Inglaterra de 22,32, de 22,21, de 22,68; na Dinamarca de 22,65 (1845-49), de 20,44 (1855-59), de 20,4 (1861-68). Deixando-se de lado a Rússia, que só é européia geograficamente, os únicos grandes países da Europa em que a dízima mortuária se afasta de maneira um pouco marcada dos números precedentes são a Itália, onde de 1861 a 1867 ela ainda se elevava a 30,6, e a Áustria, onde era mais considerável ainda (32,52)<sup>5</sup>. A taxa de suicídios, ao contrário, ao mesmo tem-

5. Segundo BERTILLON, verbete "Mortalité", *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, t. I. XI, p. 738.

po que acusa apenas tênues mudanças anuais, varia do simples ao dobro, ao triplo, ao quádruplo e até mais, conforme as sociedades (ver quadro III). Ela é portanto, num grau bem maior do que a taxa de mortalidade, pessoal a cada grupo social, do qual pode ser vista como um índice característico. Está tão intimamente ligada ao que há de mais profundamente constitucional em cada temperamento nacional, que a ordem em que se classificam, sob esse aspecto, as diferentes sociedades permanece quase rigorosamente a mesma em épocas muito diferentes. É o que prova o exame desse mesmo quadro.

Ao longo dos três períodos comparados, o suicídio aumentou em toda parte; mas, nesse avanço, os diversos povos conservaram suas respectivas distâncias. Cada um tem um coeficiente de aceleração que lhe é próprio.

A taxa de suicídios constitui, portanto, uma ordem de fatos única e determinada; isso é o que demonstram, ao

## QUADRO III

Taxa de suicídios por milhão de habitantes nos diferentes países da Europa

	Período 1866-70	1871-75	1874-78	Números de ordem no		
				1º período	2º período	3º período
Itália .....	30	35	38	1	1	1
Bélgica .....	66	69	78	2	3	4
Inglaterra .....	67	66	69	3	2	2
Noruega .....	76	73	71	4	4	3
Áustria .....	78	94	130	5	7	7
Suécia .....	85	81	91	6	5	5
Bávia .....	90	91	100	7	6	6
França .....	135	150	160	8	9	9
Prússia .....	142	134	152	9	8	8
Dinamarca .....	277	258	255	10	10	10
Saxônia .....	293	267	334	11	11	11

mesmo tempo, sua permanência e sua variabilidade. Pois essa permanência seria inexplicável se não estivesse ligada a um conjunto de características distintivas, solidárias umas às outras, que, apesar da diversidade das circunstâncias ambientes, afirmam-se simultaneamente; e essa variabilidade atesta a natureza individual e concreta dessas mesmas características, pois elas variam como a própria individualidade social. Em suma, o que esses dados estatísticos expressam é a tendência ao suicídio pela qual cada sociedade é coletivamente afligida. Não nos é possível dizer atualmente em que consiste essa tendência, se ela é um estado *sui generis* da alma coletiva<sup>6</sup>, com realidade própria, ou se representa apenas uma soma de estados individuais. Embora as considerações precedentes sejam dificilmente conciliáveis com esta última hipótese, reservamos o problema, que será tratado ao longo desta obra<sup>7</sup>. Seja o que for que se pense a esse respeito, o fato é que essa tendência existe, por uma razão ou por outra. Cada sociedade se predispõe a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias. Essa predisposição pode, portanto, ser objeto de um estudo especial, que pertence ao domínio da sociologia. É esse estudo que iremos empreender.

Nossa intenção não é, portanto, fazer o inventário mais completo possível de todas as condições que possam entrar na gênese dos suicídios particulares, mas apenas pesquisar aquelas de que depende o fato definido que chamamos de taxa social de suicídios. Concebemos que as duas questões são muito distintas, seja qual for a relação que, por outro lado, possa haver entre elas. Com efeito, entre as condições

6. É claro que, ao utilizar essa expressão, não pretendemos de modo algum hipostasiar a consciência coletiva. Não admitimos alma substancial nem na sociedade nem no indivíduo. Voltaremos, aliás, a esse ponto.

7. Ver livro III, cap. I.

individuais, certamente há muitas que não são bastante gerais para afetar a relação entre o número total de mortes voluntárias e a população. Elas talvez possam fazer com que este ou aquele indivíduo isolado se mate, mas não que a sociedade *in globo* tenha uma propensão maior ou menor ao suicídio. Tal como não estão ligadas a uma certa situação da organização social, também não têm repercussões sociais. Por isso, interessam ao psicólogo, não ao sociólogo. O que este último busca, são as causas por cujo intermédio é possível agir, não sobre os indivíduos isoladamente, mas sobre o grupo. Por conseguinte, entre os fatores dos suicídios, os únicos que lhe concernem são os que fazem sentir sua ação sobre o conjunto da sociedade. A taxa de suicídios é o produto desses fatores. Por isso devemos nos deter nelas.

Esse é o objeto deste trabalho, que se comporá de três partes.

O fenômeno que se trata de explicar só pode ser devido a causas extra-sociais de grande generalidade ou a causas propriamente sociais. Indagaremos em primeiro lugar qual é a influência das primeiras e veremos que ela é nula ou muito restrita.

Determinaremos em seguida a natureza das causas sociais, a maneira pela qual produzem seus efeitos e suas relações com as situações individuais que acompanham os diferentes tipos de suicídios.

Feito isso, teremos mais condições de definir em que consiste o elemento social do suicídio, ou seja, a tendência coletiva de que acabamos de falar, quais são suas relações com os outros fatos sociais e por que meios é possível agir sobre ela<sup>8</sup>.

8. Encontrar-se-á no início de cada capítulo, quando for o caso, a bibliografia especial das questões particulares tratadas nele. Aqui estão as indicações relativas à bibliografia geral do suicídio.

LIVRO  
I

LIVRO  
II

LIVRO  
III

I — PUBLICAÇÕES ESTATÍSTICAS OFICIAIS QUE UTILIZAMOS  
DE MODO ESPECIAL

*Oesterreichische Statistik (Statistik des Sanitätswesens).* — *Annuaire statistique de la Belgique.* — *Zeitschrift des Koeniglich Bayerischen statistischen bureau.* — *Preussische Statistik (Sterblichkeit nach Todesursachen und Altersclassen der gestorbenen).* — *Württembergische Jahrbücher für Statistik und Landeskunde.* — *Badische Statistik.* — *Tenth Census of the United States.* — *Report on the Mortality and vital statistic of the United States 1880, 2ª Parte.* — *Annuario statistico Italiano.* — *Statistica delle cause delle Morti in tutti i comuni del Regno.* — *Relazione medico-statistica sulle conditione sanitarie dell' Exercito Italiano.* — *Statistische Nachrichten des Grossherzogthums Oldenburg.* — *Compte rendu général de l'administration de la justice criminelle en France.*

*Statistisches Jahrbuch der Stadt Berlin.* — *Statistik der Stadt Wien.* — *Statistisches Handbuch für den Hamburgischen Staat.* — *Jahrbuch für die amtliche Statistik der Bremischen Staaten.* — *Annuaire statistique de la ville de Paris.*

Além disso, serão encontradas informações úteis nos seguintes artigos:  
PLATTER, Ueber die Selbstmorde in Oesterreich in den Jahren 1819-72, in *Statist. Monatsch.*, 1876. — BRATTASSÉVIC, Die Selbstmorde in Oesterreich in den Jahren 1873-77, in *Stat. Monatsch.*, 1878, p. 429. — OGLE, Suicides in England and Wales in relation to Age, Sexe, Season and Occupation, in *Journal of the statistical Society*, 1886. — ROSSI, Il Suicidio nella Spagna nel 1884, *Arch di psichiatria*, Turim, 1886.

II — ESTUDOS SOBRE O SUICÍDIO EM GERAL

De GUERRY, *Statistique morale de la France*, Paris, 1835, e *Statistique morale comparée de la France et de l'Angleterre*, Paris, 1864. — TISSOT, *De la manie du suicide et de l'esprit de révolte, de leurs causes et de leurs remèdes*, Paris, 1841. — ETOC-DEMAZY, *Recherches statistiques sur le suicide*, Paris, 1844. — LISLE, *Du suicide*, Paris, 1856. — WAPPÄUS, *Allgemeine Bevölkerungsstatistik*, Leipzig, 1861. — WAGNER, *Die Gesetzmässigkeit in den scheinbar willkürlichen menschlichen Handlungen*, Hambourg, 1864, 2ª Parte. — BRIERRE DE BOISMONT, *Du suicide et de la folie-suicide*, Paris, Germer Baillièrre, 1865. — DOUAY, *Le suicide ou la mort volontaire*, Paris, 1870. — LEROY, *Etude sur le suicide et les maladies mentales dans le département de Seine-et-Marne*, Paris, 1870. — OETTINGEN, *Die Moralstatistik*, 3ª Auflage, Erlangen, 1882, p. 786-832 e quadros anexos 103-20. — Do mesmo, *Ueber acuten und chronischen Selbstmord*, Dorpat, 1881. — MORSELLI, *Il suicidio*, Milan, 1879. — LEGOYT, *Le suicide ancien et moderne*, Paris, 1881. — MASARYK, *Der Selbsimord als*

*sociale Massenerscheinung*, Viena, 1881. — WESTCOTT, *Suicide, its history, literature, etc.*, Londres, 1885. — MOTTA, *Bibliografia del Suicidio*, Bellinzona, 1890. — CORRE, *Crime et suicide*, Paris, 1891. — BONOMELLI, *Il Suicidio*, Milan, 1892. — MAYR, *Selbstmordstatistik*, in *Handwörterbuch der Staatswissenschaften, herausgegeben von Conrad, Erster Supplementband*, Iena, 1895. — HAUVILLER D., *Suicide*, tese, 1898-99.